



Voz Off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentam Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop & Tech e Unigel.

Renata Araújo: Eu sou a Renata Araújo, coordenadora do programa Somos Muitas! e hoje recebo Dara Roberto. Ela tem 27 anos, é moradora do Jardim Brasil na Zona Norte de São Paulo, é bacharel em Lazer e Turismo pela EACH-USP, produtora cultural com foco em pesquisa e produção e gestão. Dara idealizou e produz de maneira independente as seguintes ações: “PagoBreja”, evento para promoção do lazer social através da música; “Artistas Vivos”, projeto para valorização das produções artísticas, culturais, intelectuais das periferias São Paulo e o “Festival Mulungú”, difusão e potencialização cultural territorial. Foi articuladora territorial da zona norte no campo cultural em 2019, em 2020 fundou sua produtora Ukindi Produções e atualmente está como coordenadora adjunta de projetos socioculturais no Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake. Além disso, tem pesquisa sobre as barreiras de acesso ao lazer e a ausência de políticas públicas, impactos na juventude negra do Jardim Brasil/São Paulo. Dara é comprometida com questões raciais, fazeres artísticos culturais, participação cidadã e entusiasta das políticas públicas e culturais. Dara é um prazer estar com você aqui.

É uma honra dividir o espaço de trabalho com você e ainda ter a oportunidade agora pelo podcast Somos Muitas! de mostrar essa jovem produtora, promissora, capaz, maravilhosa, de uma grandeza de espírito e profissional muito grande. Gente, é uma profissional que é o futuro da produção cultural do Brasil, Dara Roberto.

Dara Roberto: Obrigada, Renata. É um prazer para mim trabalhar com você também. Fico muito lisonjeada com as suas palavras, é um prazer também estar aqui conversando contigo, participando do podcast do Somos Muitas!, e estar aqui nessa troca com você, com todas as pessoas que estão nos ouvindo. Obrigada pelas palavras e por dar essa elevada na minha autoestima, na minha caminhada também.

Renata Araújo: Eu já poderia ficar horas e horas tecendo elogios para a Dara, mas agora vou compartilhar com vocês um pouco de quem é a Dara, essa trajetória, essa firmeza que ela tem já nas suas pesquisas, na sua atuação que é bem consistente, bem potente. Eu quero saber quem é a Dara por trás desses projetos, dessa busca, desses seus estudos, o que te levou a ser essa Dara maravilhosa que eu fico pagando pau.

Dara Roberto: Meu nome é Dora Roberto, muito prazer as pessoas que estão me ouvindo que ainda não me conhecem. Eu tenho 27 anos, sou moradora da zona norte, Jardim Brasil como a Renata já apresentou, sou Bacharel em Lazer e Turismo, hoje eu atuo no setor cultural, mas isso vem antes dessa minha formação técnico-profissional. Acho que antes disso até, quando eu recebo elogios ou quando tenho a possibilidade de ter a minha caminhada reconhecida, valorizada, assim como você fez aqui, Renata, e com algumas outras oportunidades que tenho tido, eu consigo, óbvio, sem falsa modéstia, considerar que isso é fruto do esforço, de um empenho que venho fazendo

desde muito cedo. Mas acho que o que vem por trás disso é o que colabora para que hoje eu possa estar onde estou, possa estar caminhando e projetando futuros possíveis, para mim a grande responsável é a minha mãe. Tudo que eu consigo além do que fui construindo enquanto indivíduo, mas dentro da minha trajetória profissional, estudantil, acadêmica, isso foi fruto da minha criação. Eu digo a minha mãe por ser essa figura principal, mas obviamente toda a rede que estava em volta de mim desde muito cedo, eles contribuíram para que pudesse, de uma maneira bastante objetiva e sinceramente falando, contrariar a estatística, ser o ponto fora da curva e projetar algo diferente do que estado imposto para as pessoas que vem de onde eu venho. Basicamente é isso, mas dentro do campo profissional do setor cultural como havia dito no início, isso vem desde cedo com esses incentivos.

Eu não me intitulo mais musicista, mas acho que a minha trajetória cultural ou artístico-cultural se dá ali na minha adolescência. Estudei música, poucas pessoas sabem disso, apesar de ser jovem, faz um bom tempo, estudei música acho que quase 10 anos da minha vida. Estudei violão clássico, popular, tocava em uma camerata de violões, fiz saxofone também, saxofone alto, aí eu sou iniciante para também não ficarem achando que eu toco horrores, que sou um Kamasi Washington da vida.

Renata Araújo: O que é um podcast não faz na nossa vida, olha revelações bombásticas.

Dara Roberto: Revelações bombásticas. Comecei assim a trajetória, hoje eu identifico, mas acho que estou dispensando um pouco o assunto, mas está tudo conectado porque acho que além dessa coisa da criação, desse incentivo de onde hoje, identifico que começou essa minha trajetória artístico-cultural, acho que eu sou fruto das políticas públicas. Uma vez escutei alguém dizendo

isso e me identifiquei bastante porque sou de fato fruto, não à toa eu me coloco como uma entusiasta das políticas públicas, agora do ponto de vista de profissional e de estudo. Mas sou uma pessoa que passou por diversas políticas públicas e elas colaboraram e fizeram com que tivesse essa visão de mundo e estivesse aqui onde estou hoje. Esse ensino musical que tive também é uma política pública, era o “Projeto Guri”, iniciativa do Governo do Estado com outros apoios, hoje já não sei muito bem como está, mas se iniciou aí. Identifico que um olhar mais sensível para as artes veio para mim inicialmente pela música, por outros aspectos histórico-culturais que eram incentivados também pela minha mãe no entendimento da cidade, do caminhar que são coisas que são fundamentais na vida da criança para o desenvolvimento dela posteriormente, isso a gente tem essa dimensão quando a gente está mais velho. Iniciou dessa maneira, mas para além disso, demorei para assumir isso também, mas uma capacidade de articulação e de formação de redes muito intensa, na verdade, a mim. Desde muito cedo gostava de realizar coisas. Se a gente tinha uma ideia eu era aquela pessoa que organizava, que se movimentava para que aquilo ocorresse, e mais para frente fui entendendo que isso acaba sempre indo para esse campo do social, do cultural, do artístico. Depois tive outras formações também, estudei gastronomia, trabalhei na área, mas passado esse tempo da adolescência para a fase adulta, compreendi que estava querendo ir para um caminho profissional que não era o que era da minha essência, o que era a minha essência era esse contato e as coisas que já desenvolvia, que já estavam dentro de mim nessa infância, adolescência e que mais para frente eu entendi também, participando dessas políticas públicas, que era um horizonte possível profissionalmente. Acho que tentando resumir aqui a trajetória são esses diferentes momentos que fazem com que

compreendesse que eu seja a pessoa que sou hoje e também as políticas públicas, além do incentivo da minha mãe.

Foram diversos caminhos, eu saí, mas voltei, enfim, e tenho as minhas formações que aí acho que talvez não vale a pena a gente ficar discorrendo aqui muito sobre isso para, não sei, de repente não começar uma auto adulação.

Renata Araújo: Sempre vale.

Dara Roberto: Algo meio egocêntrico, sabe?

Renata Araújo: O objetivo até quando a gente fala quem é essa pessoa, traz essa trajetória, porque o que a gente mostra é a trajetória profissional que está lá na nossa mini bio. Esse podcast tem uma missão que é mostrar quem são essas pessoas que estão por trás, anseios, desejos, fragilidades, o lado humano da coisa porque senão fica tudo muito técnico e a gente mexe com o social, com a cultura que é subjetivo, que não tem como colocar em uma caixa. Você não vai estar se adulando contando para a gente todos aqueles detalhes.

Dara Roberto: E é interessante, costumo falar uma coisa, aí vou para outra, às vezes eu consigo voltar, às vezes não, mas acho que talvez isso também reflita ou mostre que a nossa vida não é linear mesmo, é uma coisa cíclica. São esses vários momentos também que compõem nós enquanto indivíduos, enquanto profissionais, enquanto cidadãos, essas idas e vindas, saídas ou coisas que eu experimentei também, outras formações que tive também contribuíram, mesmo que se fossem de outra área, contribuem para a pessoa que sou hoje, não só no profissional porque acho que essas coisas também não estão dissociadas. Às vezes a gente já vai para esse campo de profissional, mas o que compõe o profissional também é o que você é no pessoal, é a forma que você lida com a vida, a forma que você enxerga os outros, os seus valores. Óbvio que

quando a gente acaba lidando com Instituições, têm os valores institucionais, mas se você não tiver os seus muito bem consolidados, você também não avança ou talvez você se perca facilmente.

Renata Araújo: Dentro dessa fala que você acabou de ter aí que se a gente não estiver alinhado também a questão da instituição pela qual a gente está, que fica difícil se os nossos anseios não coincidem. Você está hoje no Instituto Tomie Ohtake com a gente, passou pela administração pública também e vendo o cenário independente, apesar de ser muito nova, o que hoje, você nessas experiências, lista como foram seus maiores desafios? Porque é isso, até a gente se alinhar, até a gente entender, a gente encontra desafios pelo caminho.

Dara Roberto: É interessante porque acredito em uma conexão entre os setores. Eu acho que o mercado cultural, o setor cultural não entendeu isso, e acho que é uma coisa possível. Até do ponto pode parecer, com muito cuidado isso que eu vou dizer, mas que o setor público pode fazer algumas parcerias com o setor privado, de maneira nenhuma estou defendendo o neoliberalismo aqui gente, longe de mim, quem me conhece sabe, quem não, procure saber, mas eu acredito muito em uma conexão entre os setores. Óbvio, eles se comportam diferentemente, mas acredito que é possível uma forma de se conciliar as atuações do ponto de vista cultural entre o independente, o público e o privado. Isso já acontece em alguma medida, mas acho que poderia avançar ainda mais.

Acho que os maiores desafios que eu tive foram como qualquer desafio quando você entra em uma coisa, que é entender como as coisas funcionam. Quando você vem do ambiente independente a gente tem que lidar muito com a precariedade das coisas, tem um grande pensador da cultura que criou um

termo que é o “sevirologia”, que aí vem isso do se virar, do fazer, do acontecer. Se não tem, a gente dá um jeito. O setor independente vem muito disso, da garra, do querer fazer, de dar um jeito. O que é interessante, mas a gente também não pode se prender na precariedade, se acostumar com a precariedade das coisas. Acho que do ponto de vista do independente, um desafio que encontro é conseguir dividir essa perspectiva com os meus iguais de não se acostumar com a precariedade, e não se acostumar com a precariedade é buscar esses outros horizontes, seja com o setor público, seja com o setor privado, ou se estruturar de outras maneiras e aí surgem novos desafios. Dentro da esfera pública, entender, lidar com a burocracia, com as leis, são coisas que eu particularmente gosto, mas não é todo mundo que gosta e é difícil mesmo compreender ou fazer com que a burocracia esteja ao nosso favor porque no final das contas é para isso mesmo, para manter a coesão das coisas, o bom uso do dinheiro público, poucas pessoas eu vejo falando disso ou defendendo a burocracia. Óbvio que acho que os processos burocráticos poderiam ser mais facilitados.

Renata Araújo: Por isso que a gente se dá bem. Eu sou uma entusiasta da burocracia.

Dara Roberto: Isso fundamenta os processos, acho que eles poderiam ser muito mais facilitados, sim, mas talvez esse seja o primeiro desafio que a gente encontre. Agora consigo pensar nesse porque eu sempre gostei do setor público, da visão estatal da coisa, da máquina pública. Acho que muitas coisas precisam ser revistas, mas eu gosto, ainda acredito no Estado, mas talvez o primeiro desafio, pensando em instituições pelas quais passei, lidar com a Secretaria Municipal de Cultura que foi a secretária que mais tive contato, tive contato também com a do trabalho em uma das políticas públicas que participei. Talvez seja isso, entender os processos e se apossar também porque

lendo, entendendo, lendo as leis, lendo os editais, conversando com as pessoas que executam ou que implementam as políticas públicas, a gente também vai se apossando dos nossos direitos, a gente vai sabendo por onde reivindicar, por onde contribuir, talvez os desafios tenham sido esses no campo burocrático. Acho que do diálogo, não o diálogo em dificuldade de conversar, o acesso à instituição, aos setores ali, aí é um problema da máquina pública que talvez possa ser uma conversa para um outro momento, mas acho que um dos desafios que tenho encarado seja este do ponto de vista da instituição pública. Com o terceiro setor eu tive contato indireto, eram instituições que normalmente implementam a política pública, isso acontece muito aqui em São Paulo, a política pública é da prefeitura, foi concebida pelas secretarias, mas que implementa é uma OS. Isso acontece a torto e a direita, é um ponto também de ressalva do ponto de vista do setor cultural. E no privado a minha experiência é recente, desde a graduação quando entendi que eu gostaria mesmo de atuar com instituições culturais, hoje as pessoas me veem, até me colocam como produtora cultural, acho que sou isso sim, mas eu sempre tive um olhar muito de gestão, e tendo um olhar de gestão é algo que quero para mim. Sou uma pessoa muito jovem, tenho consciência disso, mas tendo essa perspectiva é uma coisa que eu quero aperfeiçoar e já tendo essa visão futura, no passado era uma coisa que almejava, entrar nas instituições, e em instituições privadas também que elas são bem consolidadas. Acho que nacionalmente falando, mas em São Paulo é uma cena bem forte nas instituições privadas e nas instituições público-privadas. Já tinha o interesse e aí o maior desafio era esse, parecer que era muito difícil de acessar, de entrar, porque eu não via os meus semelhantes, não via as pessoas com a minha formação lá, apesar de ser uma formação voltada para isso também, não via em grande escala, mas tinha o desejo de entrar. O primeiro desafio era um que

já estava posto não por mim, nem pelo que se é, pelo que são as instituições. O meu contato inicial era, óbvio, frequentando essas instituições, consumido arte, consumindo cultura, tentando entender como elas funcionavam, fazendo cursos. Falei de algumas formações, tenho algumas, não vou citar aqui todas as instituições, mas eram cursos livres voltados para a área da produção cultural, do entendimento da gestão, e aí o desafio que enxergava era me inserir nessas instituições. Hoje estou como coordenadora adjunta dos projetos socioculturais no Instituto, no Núcleo de Cultura e Participação, mas é a minha primeira experiência trabalhando diretamente com uma instituição que a gente pode considerar privada, o que tem sido muito rico para mim, desafiador também porque me entendi como produtora, estou galgando esse espaço e tem sido muito interessante, muito enriquecedor. Mas o desafio para resumir a minha resposta agora na parte do privado, era esse que estava posto antes de eu entrar, sabe? Porque o desafio para mim já era entrar, assim como é para muitas pessoas desse setor ou que vem da mesma formação, ou que tem uma caminhada semelhante à minha, ou que é oriunda do mesmo lugar que eu sou, ou que pertence ao mesmo grupo racial, enfim, são pontos a serem considerados, são barreiras que estão postas antes mesmo da gente entrar. E eu falo inclusive sobre isso também na minha pesquisa, mas talvez seja um assunto mais para frente sobre as barreiras de acesso. Não é um conceito que criei, já existe, mas eu trago bastante na minha fala porque é algo que para além de perceber do ponto de vista de pesquisa, é algo que a gente vive na pele literalmente. Acho que talvez o desafio que colocaria para resumo no independente é a precariedade, entender a não se acostumar com a precariedade, que não é porque está na periferia que a gente tem que se acostumar com pouco, no setor público talvez esse lance da burocracia, e no

setor privado que também existe a burocracia, mas eu acho que é talvez essa barreira de acesso inicial.

Renata Araújo: É sempre antagônico, mas toda vez que falo de desafio eu também provoco as pessoas para falarem das conquistas porque a gente desafia tanto, a gente luta tanto e tem vitórias cotidianas, vitórias médias, vitórias grandes, cada um lida com a sua forma de ver conquistas de um jeito. Aí lhe pergunto, dentro já desse escopo, dessa vivência que você tem, o que você já hoje lista como conquistas?

Dara Roberto: Do ponto de vista profissional ou no todo?

Renata Araújo: Todos. A gente quer saber aqui os seus segredos. Te parafraseando, não está dissociado até porque, principalmente nós da área da cultura, a gente passa 20 horas do dia quase em função do nosso trabalho, do que a gente gosta de fazer porque é tão subjetivo que não é isso, não deu 6 horas desliguei o computador e acabou, aquilo não faz parte da nossa vida, a gente respira isso a todo momento. Eu inclusive trabalho nos sonhos, continuo trabalhando.

Dara Roberto: Tem que dar uma relaxada às vezes. Bom, acho que de conquistas, esse é um exercício até interessante porque acho que a gente faz pouco, e eu estava refletindo recentemente sobre isso. Às vezes a gente está em uma situação, em uma posição ou em uma rotina e a gente acaba não se acomodando, mas se acostumando com aquilo e desconsiderando tudo que a gente já passou, a gente começa a se questionar do tipo: "será que eu estou fazendo bem? Será que eu estou fazendo certo? Nossa, eu poderia estar fazendo outra coisa", fica se questionando, se cobrando de uma maneira que se a gente fizesse exercício de olhar as conquistas, as pequenas conquistas inclusive que eu tenho aprendido a celebrar, a gente consegue reconhecer e

entender tudo que a gente já fez para estar ali. A gente não parou ali naquele lugar do nada, a gente tem um caminho de muitos desafios, mas muitas conquistas e aí a gente pode projetar outras tantas. Respondendo você e considerando que isso é um exercício muito interessante de se fazer, que preciso fazer mais e fica aqui o convite também a todas as pessoas que estão nos ouvindo, de valorizar as suas conquistas, de se perceber, reconhecer sua história, se valorizar.

Renata Araújo: Até essa perspectiva do desafio, porque todo mundo consegue listar os desafios, mas e o que você conquistou a partir desse desafio?

Dara Roberto: Exato. Eu acho que de conquistas tenho o fato de ter me formado na Universidade de São Paulo, eu considero como uma conquista. A gente pode entrar em várias nuances aqui, inclusive críticas que também tenho a universidade, mas o fato de ter poder me formar, eu ia dizer na melhor universidade da América Latina, mas ela caiu no ranking para desespero dos uspianos, mas eu considero uma conquista porque acho que tem muitas coisas que compõem o meu ser, compõem a minha formação, mas sem dúvidas ter passado pela Universidade de São Paulo contribuiu para o meu senso crítico que também já desenvolvia dentro de casa, mas contribuiu talvez para endossar esse meu currículo também ou essa parte mais do intelecto. Não que isso se legitime pela Universidade, mas é algo que considero como uma grande conquista. Considero uma grande conquista, isso é uma coisa que eu falo pouco, as pessoas sabem pouco, mas consegui passar por lugares que queria trabalhar. Eu queria entrar em determinados programas, em determinadas políticas públicas, entrei. Nem todas foram no tempo que queria ou da forma que queria, mas eu entrei.

A Casa de Cultura da Vila Guilherme, que é um equipamento cultural bastante pulsante aqui na zona norte, referência, é fruto de uma ocupação. Os movimentos culturais ocuparam lá - só para contextualizar quem está nos ouvindo - os movimentos culturais ocuparam lá e depois veio a se tornar uma casa de cultura. Eu tinha o desejo trabalhar lá, consegui esse vínculo com a Secretaria Municipal de Cultura que também era um desejo, considero uma conquista poder ter passado e não simplesmente passado literalmente, ter me envolvido, ter conseguido reivindicar algumas coisas coletivamente para os jovens monitores da época pensando planejamento pedagógico, pensando formas da gente se manter ali. Dentro da Universidade também fiz isso, são coisas que me orgulho dessas conquistas que não são individuais, são coletivas como eu bem disse.

O Instituto Tomie Ohtake é uma instituição também que tinha o desejo de trabalhar e tive esse desejo de trabalhar lá depois de fazer alguns cursos, inclusive quando, para você ver que as coisas não são lineares, quando eu passei no processo seletivo lá, eu fiquei, obviamente, muito feliz. Tinha finalizado um estágio não lá, mas era um curso, e uns anos atrás, um ano antes disso tinha feito um curso lá que não era do instituto, ele só cedia o espaço, e minha mãe que me lembrou disso quando passei na vaga de produtora lá, que estava feliz por ter passado, obviamente, um ano difícil, o ano da pandemia, e aí minha mãe falou: "você lembra quando você disse que você ainda ia trabalhar lá?". É isso, a gente esquece dessas conquistas, desses nossos planejamentos ou o que foi de repente uma meta, um objetivo rápido, e aí me emocionei bastante porquê de fato eu tinha falado isso e aconteceu. Considero não como um acaso, mas como fruto desses investimentos que a gente faz na gente desde muito cedo. Tudo bem, talvez para alguns isso pode parecer algo pouco, mas se tratando de início de carreira, estou com 27 anos, isso para mim

é muito válido, é muito rico, sabe? E é isso, eu não posso me acomodar nesse lugar porque quando olho para trás e vejo que ok, eu consegui chegar aqui, isso faz com que dê mais passos atrás para entender o que eu objetivava ainda antes, muito antes disso, para saber que meu salto ainda pode ser muito maior. Considero também como uma conquista hoje ter podido entrar no Instituto, entrei como produtora de um projeto específico, hoje estou na coordenação adjunta dos projetos socioculturais, isso é uma coisa que me alegra também.

De conquistas acho que isso, eu acho que outras também mais pessoais, para não ficar só nesse campo do profissional. Acho que hoje poder ter uma trajetória mais leve do que foi pensado para mim, pensando que eu digo é imposto pela sociedade pela nossa formação histórico-social e econômico, as coisas que resvalam nas pessoas negras, nas pessoas empobrecidas, que não gosto nem de dizer pobres porque a gente foi empobrecido. Considero uma benção ter nascido na família que nasci porque me oportunizou outra perspectiva de vida, mas acho que considero uma conquista também escolher frutos desse investimento que não foi só meu, investimento de tempo, investimento de estudos. Poder ter hoje, na idade que eu estou, acho que também os tempos das mulheres são outros. As vezes coisas que estou colhendo agora, que eu estou podendo usufruir agora, outras pessoas, outras mulheres tiveram a oportunidade de usufruir disso mais cedo, mas para mim é uma conquista estar conseguindo fazer isso, algumas coisas mais no campo pessoal, familiar aos 27 porque sei que tem pessoas que talvez só conseguiriam ainda mais tarde, que é uma problemática, mas eu considero uma conquista hoje poder ter uma caminhada mais leve, poder hoje pensar em mim, poder me cuidar, isso é algo muito importante, sabe? Cuidar da minha saúde, pensar o meu futuro, a minha posteridade, pensar a longo prazo. Acho que são pequenas conquistas da vida adulta, ou pequenas alegrias da vida adulta

parafrazeando o Emicida, sempre está muito atrelado a esse campo do profissional, enfim, do estudo, mas acho que é isso, eu me orgulho.

São muitos desafios, se fosse falar todos os desafios da minha vida ia ser história triste aqui no podcast, mas acho que de conquistas eu me orgulho dessas do campo profissional e no campo pessoal de poder estar colhendo as coisas que eu plantei e tendo a oportunidade de plantar outras tantas para colher mais para frente, obviamente nunca sozinha, pensando sempre a coletividade, uma questão de comunidade mesmo das pessoas que estão ao meu lado e que compõem a minha existência também.

Renata Araújo: Eu adoro pegar os ganchos do que você fala para já engatar na outra conversa, e é bem isso, você já tem uma clareza, um norte bem definido quando fala que os projetos, que agora o que vai ser plantado de semente daqui para frente tem essa questão e essa base coletiva. E a título até de curiosidade, o que é esse legado que você está preparando, sonhando, planejando, parafrazeando o cósmico, que você está sonhando, planejar, executar e realizar com certeza em breve. Quais são as suas aspirações para legados?

Dara Roberto: Quando penso em legado acho que a minha mãe fala uma coisa que é muito interessante que eu levo comigo, que assim, a gente tem que fazer uma espécie de discipulado, sabe? Das coisas. Eu considero que nós somos únicos, mas as ações não dependem só da gente. Quando a gente está muito focado no planejamento, em algo que a gente executa, que a gente acredita e que a gente quer que tenha futuro, isso tem que ficar para outras pessoas, mas não que só os resultados fiquem para outras pessoas, que os caminhos sejam apresentados para essas pessoas. Quando fala de discipulado, não é uma coisa de alguém santificado e só falando o que é para ser feito, não, mas de mostrar

os caminhos para que quando não tiver aqui, para mim é isso, o legado é eu deixar coisas que construí ou que eu venho construindo individual e coletivamente para outras pessoas, mas não só o resultado dessas coisas, os caminhos, os acessos. Quando a gente fala de comunidade é pensar sim em um horizonte, um futuro mais tranquilo para minha família, para as pessoas que estão dentro do mesmo setor profissional que eu, na mesma área de estudos, a gente pode ir destrinchando por várias instâncias, mas o que penso de deixar de legado é obviamente a apresentação de caminhos, assim como fizeram para mim, facilitação de processos, poder contribuir para que meus semelhantes tenham uma trajetória tão bacana ou ainda melhor do que a minha, porque o fato de eu hoje poder também reconhecer esses avanços, essas conquistas que foi como a gente colocou, isso é resultado também de pessoas que vieram antes de mim, que apostaram em si, mas também em uma geração futura. Para mim, o meu entendimento de legado vem muito nessa linha também de valorizar quem fez antes de mim, de poder me estruturar bem neste momento da minha vida junto com os meus nessas diferentes instâncias, nesses diferentes setores, e cresce discipulado, que é essa apresentação de caminhos para que quando eu me for, ou quando eu não estiver mais fazendo o que faço, outras pessoas possam também. Isso é um movimento coletivo, estou falando aqui, mas não basta que eu faça isso, a gente enquanto comunidade tem que se movimentar para esse feito. O meu entendimento de legado acho que vem muito nessa linha das gerações futuras que também são as de agora, são as crianças. Não jogar a conta, as crianças são o futuro, são a solução, não, a solução somos nós e elas estão aqui também. A gente ter esse entendimento intergeracional da coisa, do que já foi feito pela gente, não se acomodar nisso, buscar novos espaços, novas conquistas, mas no entendimento de legado para mim é um horizonte mais tranquilo, um futuro ameno para os meus, para as

minhas de apresentar possibilidades assim como foi feito para mim, sabe? Porque foi crucial que alguém, minha mãe, minha família, dissessem que poderia fazer o que eu quisesse, esse apoio, esse incentivo. No meu entendimento de legado é meio inevitável para mim pensar fora dessa concepção que me foi apresentada porque acho que isso deu muito certo, para mim eu pensaria o legado dessa maneira. Assim como foi deixado para mim, óbvio, fazendo essas adaptações ou com novas perspectivas, mas pensando horizonte melhor, mais tranquilo para essa geração que está aqui agora e outras que virão, e coisas que talvez eu nem venha a ver, a presenciar, mas acredito que a nossa movimentação tem que ser feita com muito comprometimento para as gerações futuras, isso no campo cultural, profissional, acadêmico, enfim, vários. O entendimento de legado vem um pouco nisso.

Renata Araújo: A gente está caminhando já para o final. Daí até pegando isso de legado das pessoas, a gente tem uma pergunta que eu joga para todas as participantes que somos muitas, quem são essas muitas que te influenciam e que te influenciaram?

Dara Roberto: Eu não vou conseguir fugir de falar da minha mãe, mas olha, de verdade não é porque ela é minha mãe só, é uma pessoa muito sábia, muito articulada, determinada, que me inspirou e me inspira muito, me ensina e me ensina até nas coisas que eu não quero me assemelhar a ela, mas me ensina, sabe? A minha mãe, sem dúvidas, dona Damares Germana. Às vezes quando a gente fala de quem te inspira, a gente vem com pessoas famosas, mas acho que as pessoas me inspiram ou que já me inspiraram são pessoas do meu convívio, são pessoas comuns ou pessoas acessíveis. Tenho muitas amigas que me influenciam muito, a Eloá Porto é uma delas, é uma gestora, também gestora de políticas públicas, ela é uma pessoa muito sábia, muito leve. Deixa

eu ver um outro nome que me inspira no campo acadêmico, a professora doutora Gislene Santos também, são pessoas que estão mais na minha proximidade, que consigo dizer. Lógico, tem grandes pensadoras, grandes pessoas que foram um marco, essas coisas também me influenciam, mas acho que de me inspirar mesmo são essas. Acho que grandes amigos e irmãos também que estão ao meu lado, parte de uma família que não é minha família de sangue, mas que era uma comunidade dos anos 70, 80 que se chama “Coletivo Nação Cercada”, era uma rede de amigos da minha mãe que me influenciam até hoje e tem grandes pensadores lá, tem artistas, tem gente de todo tipo. Mas eram pessoas, até pegando um pouquinho do gancho lá do legado, que construíram isso, que eles reivindicavam diversos acessos nos anos 70 e 80 que hoje já é algo que eu usufruo, sabe? Me inspiraram também nisso de possibilitar outras coisas. Uma vez que tive acesso a isso, agora a gente tem enquanto povo buscar outras. É uma comunidade, um grupo de pessoas que considero meus tios e minhas tias, apesar de não ser de sangue, que me inspiram muito até hoje, amigos também e a Verinha, que eu tive a possibilidade de conhecer no ano passado, que é coordenadora também atualmente lá no Instituto, mas não só isso, ela faz diversas coisas, me identifico muito com ela por conta disso. E aí pude enxergar em uma pessoa um pouco mais velha do que eu, que as coisas que almejava ou que pensava para o ambiente profissional eram possíveis porque eu a via executando e vejo isso de fazer muitas coisas, ter uma caminhada que a gente que é da produção cultural, do setor cultural a gente sabe como a nossa vida é uma loucura, mas de entender esses processos de loucura, mas também colocar uma leveza nos processos. Poder ter tido essa oportunidade de me encontrar com ela, até hoje não consigo entender muito bem se foi acaso ou se foi destino, não sei, mas é uma pessoa também que me inspira muito aí especificamente no campo

profissional, sabe? Só para citar nomes de pessoas que estão mais próximas. Tem muitas outras, mas que consigo pensar agora eu acho que é isso, são pessoas que estão próximas de mim, pessoas que eu vejo ali que são reais, que me inspiram em detalhes. Acho que a inspiração é assim, quando a pessoa não precisa nem falar nada, ela não precisa ficar te convencendo de que ela é inspiracional, um coach ou alguém muito famoso, por isso que não quis citar grandes nomes, porque essas pessoas já são reconhecidas, mas pessoas que estão no nosso dia a dia, ou que você com atitudes. Eu acho que alguém que inspira, alguém que influencia, que motiva dificilmente precisa ficar tentando te convencer de algo, você já é convencido, entre aspas, ou você já se identifica com aquilo muito facilmente porque você vê que são atitudes da pessoa, ela não está falando para se valer ou sei lá, tentar te convencer de algo, ela vive aquilo. E é isso que a gente tem que fazer, colocar as nossas palavras em ação não para que a gente seja inspiracional, mas para que a gente seja coeso, correto, honesto com a gente mesmo. Por isso que as pessoas que me inspiram são pessoas que estão no meu convívio direto ou indireto.

Renata Araújo: Que maravilha. Dara, para mim foi uma experiência transformadora, você me inspira sem falar nada.

Dara Roberto: Bom saber.

Renata Araújo: Você me inspira também, você me revitaliza, acho que esse gás da juventude, dos ideais, a gente com os desafios da vida as vezes a gente vai cambaleando e trocar com você é uma oportunidade de energia, de revitalização. Garanto que quem está ouvindo a gente também vai ter essa sensação, essa sensação de esperança, essa sensação de que dá certo, essa sensação de que muita coisa boa está ainda por vir. Eu queria que você se despedisse, e também nessa despedida desse para nossos ouvintes, nossas

ouvintes, uma dica. Pode ser profissional que você é bem profissional, mas pode ser pessoal também. Uma dica de transformação.

Dara Roberto: Vai parecer meio clichê, mas acho que é acreditar nos seus sonhos, em você, mas não só acreditar porque nada cai do céu, principalmente para as pessoas que estão nos ouvindo que tem uma trajetória semelhante, acreditar que é possível sabendo que não será fácil. Eu acredito ainda muito nesse caminho da educação, buscar formações, buscar fazer redes, sair da sua bolha, acho que uma dica que eu deixaria é essa, de se estruturar, vou dar uma direcionada para esse setor mesmo da produção cultural que ele é pouco legitimado ou às vezes é desvalorizado. Nós produtoras, nós gestoras, nós que, enfim, estamos nesse setor, a gente precisa se estruturar, a gente precisa estudar, mostrar que é um campo que merece esse reconhecimento. E para que a gente faça isso se valer, a gente precisa ter esses aparatos técnicos, teóricos e afins. Você acredite no seu sonho, vá atrás do seu sonho, mas se estruture e se movimente para isso. As coisas nem sempre acontecem no período que a gente quer porque a vida é cíclica, mas uma hora ela rola. A minha dica é que vocês façam o que tentei fazer e o que eu tento fazer ainda mais que é estudar, se aperfeiçoar e colocar as suas ideias na rua, não só ficar fazendo a manutenção do que foi colocado para a gente, pensar outras coisas, promover e criar outras tantas. Acho que o meu conselho vai mais nessa linha de acreditar em si, se reconhecer potente, se valorizar de fato. Muitas pessoas têm falado sobre isso, mas acho que a gente faz pouco isso no entendimento, de não se valorizar tipo aí eu sou, é de investir em você, investir tempo, investir cuidado, investir no seu intelecto, nas sua afirmação, enfim, nas suas produções e várias outras coisas. Acho que a minha dica vai um pouco mais nesse sentido e gostaria de agradecer você, Renata, pelo convite, agradecer também o carinho, a forma com que você me trata sempre, recebo isso

também de coração muito aberto, sempre uma troca muito interessante para mim, acredite, de verdade. Fico lisonjeada pelas palavras aqui e fico também muito honrada pela oportunidade de ter trocado esse papo com você, com as pessoas que estão nos ouvindo. Agradeço demais a oportunidade e fico aí aberta para as outras coisas, para as outras conversas possíveis e é isso, agradeço demais a oportunidade de estar aqui com vocês hoje.

Renata Araújo: A gente que agradece. Obrigada a todos vocês que nos ouviram hoje nesse episódio do podcast com Dara Roberto, e espero que vocês tenham acompanhado os nossos outros episódios com mulheres maravilhosas e com Ricardo Ohtake também. Fica aí o convite, podcast Somos Muitas!, compartilhe, divulgue, e até a próxima.

Dara Roberto: Até mais, pessoal.

Voz Off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentaram Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop & Tech e Unigel.